

Condições psicossociais e de enfrentamento (coping) diante do diagnóstico de malformação fetal de gestantes atendidas na Maternidade-escola da UFRJ

Ana Cristina Barros da **Cunha** (acbcunha@yahoo.com.br), Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, IP/UFRJ & Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Perinatal, PRIM, Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde, LEPIDS, Maternidade-Escola - ME/UFRJ; José Paulo Pereira Junior, Cristiano Cabalero Costa, Setor de Medicina Fetal/ME/UFRJ; Luciana Monteiro Ferreira, Setor de Psicologia/ ME/UFRJ & PRIM/LEPIDS/ME/UFRJ; Eduarda Lima; Julia Alves; Gabriela Serpa; IP/UFRJ.

A malformação fetal durante a gravidez constitui uma condição de vulnerabilidade para riscos físicos e psíquicos durante a gestação. Assim, faz-se importante a avaliação das variáveis psicológicas e sociais envolvidas no enfrentamento (*coping*) dessa situação. O objetivo desse estudo foi avaliar o *coping* e as condições psicossociais envolvidas no enfrentamento de gestantes com diagnóstico de malformação fetal, particularmente após a notícia do diagnóstico. Participaram do estudo, 30 gestantes atendidas no Setor de Medicina Fetal da Maternidade-escola da UFRJ, especializada em gestação de alto-risco. Durante a consulta conjunta com a equipe médica, a gestante era convidada a participar da pesquisa quando assinava o Termo de Livre Consentimento Esclarecido e respondia, individualmente, aos seguintes instrumentos: 1) Protocolo de dados gerais, para identificação das variáveis psicossociais pessoais e familiares; 2) Questionário “Momento da notícia”, para identificação das variáveis psicossociais relativas ao diagnóstico de malformação fetal; 3) Escalas BECK, para avaliação psicológica de sinais e sintomas de ansiedade e depressão; e 4) Escalas EMEP – Escala Modos de Enfrentamento de Problemas, para avaliação psicológica das estratégias de enfrentamento (*coping*) ao diagnóstico de malformação fetal. As gestantes, cuja média de idade era de 23 anos, contavam com um companheiro (n=26), trabalhavam fora (n=14), eram casadas pelo período de 2 a 5 anos (n=18) e contavam com suporte familiar para ajudá-las durante a gravidez (n=25). Do total, 30 responderam ao Questionário “Momento da notícia”, após terem confirmado o diagnóstico de malformação fetal, sendo que 29 declararam terem sido informadas por um médico, em geral pelo obstetra (n=25), no segundo trimestre de gestação (n=18). 20 gestantes consideraram adequada a maneira como o médico transmitiu o diagnóstico e se sentiram inicialmente tristes, relatando

estar mais confiantes ou tranquilas com o passar do tempo. A maior parte das gestantes apresentou sinais de ansiedade moderada (n=7) a mínimo/leve (n=14), assim como sintomas de depressão moderada (n=7) a mínimo/leve (n=16), associados ou não. Em relação ao enfrentamento do diagnóstico de malformação fetal, a maioria apresentava estratégias de *coping* focada na busca de práticas religiosas (n=7), seguida de estratégias de *coping* centrada na focalização do problema (n=6) e na busca de suporte social (n=5). De acordo com os resultados confirma-se que o diagnóstico de malformação fetal mobiliza variáveis psicoafetivas relacionadas ao enfrentamento (*coping*) e constitui condição desfavorável à criação de um vínculo afetivo mãe-bebê saudável, o que sugere a importância de serem adotadas medidas de proteção ao desenvolvimento e de promoção da saúde materno-infantil, como, por exemplo, um manejo adequado da equipe de saúde no momento de dar a notícia do diagnóstico de malformação.

Financiamento: CNPq (bolsa de produtividade em pesquisa); FAPERJ (auxílio à pesquisa Proc. n. 111.087/2010).

* Pesquisadora do CNPq e da FAPERJ; ** Bolsista de Iniciação Científica do CNPq/MCT & FAPERJ/SCTRJ.